

## O RIO DE JANEIRO E OS CARIOCAS

Cheguei ao Rio de Janeiro dia 20 de fevereiro de 2007, terça-feira de Carnaval, ainda sem saber o que seria o foco do meu trabalho. A questão sobre o que seria a essência do carioca me parecia ampla demais. Comecei observando as pessoas na rua. Acompanhando os passos cadenciados, seguindo pelas curvas do Rio. Fui tentando sentir o que fazia do carioca, carioca. A praia, o botequim, o samba, o funk, a malandragem. Tudo foi se descortinando ante meus olhos. Se encaixando como peças de um enorme quebra-cabeças que agora tentarei montar.

Muitas coisas foram complicadas na realização dessa pesquisa. A insegurança da cidade e o risco de usar meu equipamento foram os maiores obstáculos. Isso sem falar no pouco tempo de que dispunha e do fato de a cidade estar num momento muito atípico: final de carnaval e semana seguinte. As ruas estavam bastante vazias, apesar do sol escaldante de todos os dias. A cidade fedia e havia estrangeiros por todos os lados. E, de um ponto de vista mais subjetivo, muitas coisas que percebi como essencialmente cariocas não me pareciam facilmente fotografáveis.

As curvas, que pareceram tão presentes, por exemplo, me pareceram fotografáveis apenas no que toca às calçadas e à topografia da cidade rodeada por morros. Mas concordo com um de nossos informantes, Bruno, quando ele me disse que essa curva é na verdade uma fluidez. Uma fluidez de personalidade, diria eu. A malandragem enquanto forma de obter vantagens burlando o sistema, me parece um grande exemplo disso. Contornar as regras. Circundá-las.

Procurei ir ao maior número de lugares possível e conversar com quantas pessoas fosse possível. Alguns lugares me foram sugeridos por mais de uma pessoa, dei prioridade a esses. Infelizmente, não consegui subir um morro (para usar uma terminologia nativa), posto não achar seguro fazer isso sozinha. Sei que ocorre uma troca de posições interessante na relação morro/asfalto, como os cariocas designam as favelas e o resto da cidade. Em outras palavras, o morro desce para o asfalto para trabalhar e

buscar diversão na praia e em outros pontos da zona sul, enquanto o asfalto sobe o morro em busca de outras formas de diversão, sejam elas os famosos bailes funk ou as drogas.

É importante ressaltar que não existe uma cultura carioca hegemônica, por isso, o que tentarei fazer nesse relatório é destacar alguns pontos que me pareceram mais fortes nesse período em que estive no Rio. Tratarei por tópicos daquilo que me pareceu relevante socialmente. Na tentativa de dar subsídios para uma maior compreensão da cultura carioca e, por que não, de sua relevância para o resto do país.

Nas páginas seguintes estão textos, que, juntos, formam essa colcha de retalhos cultural que encontrei na antagônica “Cidade Maravilhosa”.

- **CARNAVAL E FUTEBOL**

O Carnaval no Rio de Janeiro não acaba na Quarta-feira de Cinzas. Muitas pessoas emendam a quinta e a sexta-feira, o que faz com que a cidade fique diferente nesse período. Mais vazia talvez. Todos os cariocas têm uma escola de samba do coração, assim como um time de futebol. E o desempenho de ambos é tema para longas conversas.

O Carnaval de rua, além das famosas escolas de samba, é bastante marcante. No Rio, há blocos de todos os tipos. Até mesmo de cachorros! As pessoas se organizam em suas ruas e ouve-se marchinhas por todos os lados.

Roberto DaMatta em, sua obra *Carnavais Malandros e Heróis* chama atenção para o significado do ritual do Carnaval. Inspirado em Max Gluckman, o antropólogo acredita que o Carnaval seja um importante ritual de inversão, onde os papéis sociais se invertem. Os homens se vestem de mulher. Os favelados representam reis e rainhas.

Talvez por isso mesmo essa festa seja tão importante para os cariocas. Por permitir um alívio das tensões constantes advindas da relação de proximidade física com

as favelas e da violência. Além é claro, de dar vazão à típica irreverência carioca, muitas vezes camuflada no dia-a-dia de trabalho.

Já o futebol poderia representar uma outra forma de liberação das tensões e demarcação das diferenças, sociais ou ideológicas. Ir ao Maracanã, segundo me disseram, é extremamente emocionante e faz com que as pessoas se sintam livres para tomar atitudes que não tomariam no seu cotidiano.

- **A PRAIA**

Ir à praia é o programa número um dos cariocas. Acredito que isso aconteça, em primeiro lugar, por causa do calor. Em segundo lugar, porque a praia é um espaço inteiramente público no meio da cidade, onde vive “uma sociedade profundamente marcada por toda sorte de diferenças, mas permeada por um fio comum, onde cada qual sabe o seu lugar” (Roberto DaMatta). Justamente por isso, a praia é o principal espaço de socialização do povo do Rio de Janeiro. Nela, as pessoas se conhecem, paqueram, malham, comem, se divertem. Todos os outros programas vêm depois da praia. E, segundo o antropólogo Roberto DaMatta, toda a sociabilidade carioca vem da praia.

As idas constantes à praia imprimem uma característica bastante marcante ao povo do Rio de Janeiro: o culto ao corpo. O calor faz com que as pessoas fiquem muito confortáveis semi-nuas. Por isso, os corpos sempre expostos devem estar em forma, atendendo a um padrão de beleza que acaba sendo exportado para o resto do país. Acredito que é justamente isso que torna os cariocas um povo tão “de pele”. Quero dizer, o carioca é extravagante, expansivo, exagerado, emocionado.

As pessoas querem parecer despojadas e tranquilas consigo mesmas, mas é fácil perceber que cada detalhe de seu visual é calculado. Estão todos se expondo, como num bar ou numa danceteria, buscando encontrar pessoas. O flerte é constante e vem tanto dos homens quanto das mulheres. Essas, a meu ver, acabam adquirindo uma expressão quase agressiva em suas investidas. A tal “marra” carioca, que pode ser apenas um mecanismo

de defesa. Digo isso, porque creio que num lugar onde os corpos estão tão expostos, é a expressão corporal que dá, antes das roupas, uma idéia de segurança e confiança em si mesmo. Aliás, vale destacar que os cariocas são excelentes em fazer seu marketing pessoal e adoram contar vantagens.

Segundo as pessoas que entrevistei, o carioca seria um povo essencialmente democrático. Eles alegam que todos se misturam, principalmente na praia. Entretanto, em minha opinião, isso não é real. Na prática, o que se dá é uma divisão espacial clara que corresponde a divisões sociais e, muitas vezes, ideológicas. Ainda que estejam todos na praia, as pessoas se dividem em faixas (tanto no sentido longitudinal, quanto latitudinal), em uma separação sem barreiras físicas, permanecendo próximo àqueles com quem se identificam. Homossexuais, intelectuais, suburbanos, malhados, estrangeiros. Todos se respeitam dentro desse limite de contato, mas não passa disso. Há apenas pequenos pontos de fusão. Nas palavras de uma de minhas informantes, “(con) fusão”. É como se houvesse um equilíbrio dentro de uma extrema tensão (gerada inclusive pelo risco iminente da violência).

Dentro das faixas de cada um, sim, há espaço para maior democracia. Permitindo que as pessoas apresentem sua individualidade dentro da coletividade. Dentro do espaço da juventude bonita que frequenta o posto 9 de Ipanema, por exemplo, podem desfilarem pessoas fora do padrão de beleza, desde que elas tenham outros pontos em comum com as pessoas ali reunidas, como, por exemplo, a moda.

É ainda dentro dessa idéia de culto ao corpo que aparecem outros espaços de socialização muito cariocas como as casa de sucos e as academias, que pululam nas esquinas da cidade. No Rio, todos devem parecer saudáveis e bonitos.

- **OS BOTEQUINS**

Em contraposição a essa forte vida diurna e de cuidados com o corpo e a saúde, aparece o carioca boêmio. As pessoas adoram tomar uma cervejinha com os amigos depois da praia, do trabalho, ou entrando noite adentro.

Os botequins do Rio são lugares simples que vêm ao encontro da vontade carioca de ser despojado e despretençioso. As pessoas vão aos bares com roupas confortáveis e a decoração dos lugares é quase sempre simples. Em alguns botequins há altares para São Jorge, que seria seu santo protetor. Entre cervejas geladas e petiscos tão variados quanto jiló frito e empadas de camarão, os cariocas conversam sobre assuntos leves: o jogo de futebol, o Carnaval, a corrida que deram de manhã na praia. Pouco se fala de assuntos sérios, como trabalho.

Também nos botecos a paquera é constante e comum. As pessoas paqueram por paquerar, não importa se elas são compromissadas ou não. Faz parte do jogo social. Da construção do Eu carioca. Cabe destacar que, muitas vezes essa paquera acaba se tornando uma ficada. As pessoas se beijam e se “pegam” nas ruas de maneira que poderia parecer despudorada em outros pontos do país.

Os botequins talvez sejam os espaços realmente democráticos da cidade. Digo isso no que toca, ao menos, a faixa etária. Jovens e velhos se misturam nesse espaço de lazer. Muitas vezes, os jovens param para ouvir sambas tocados pelos mais velhos. Aliás, outra característica marcante dos cariocas é o respeito ao idoso.

O bairro de Copacabana, por exemplo, é conhecido como o bairro dos velhinhos. Mas ali vivem também muitos estudantes e é o bairro onde se concentram os turistas. Nos botecos da região há sempre todo tipo de gente.

- **A MALANDRAGEM**

A construção do Eu carioca traz à tona ainda a questão da malandragem. Os cariocas fazem apologia a ela. Não à malandragem maldosa, mas a uma malandragem que poderia se confundir com o famoso jeitinho brasileiro. A malandragem que significa se dar bem. Muitas vezes, as pessoas nem se dão conta de que isso pode prejudicar os outros. Sem que isso signifique uma perda da noção de respeito, aliás, longe disso. Na verdade, os cariocas têm um forte senso de solidariedade que vai desde avisar as pessoas na praia frequentada por usuários de maconha, através de assovios, da chegada de policiais, até bancar os amigos quando estes estão sem dinheiro.

Hoje, o malandro carioca é aquele que corre atrás do que quer e “rala”, quando preciso. Mas o que ele defende, no plano do discurso, é o não trabalhar, é o conseguir as coisas na lábia. O povo do Rio gosta de se mostrar despreocupado, descompromissado, descansado. Sempre com tempo para os amigos. Ainda que isso não aconteça de verdade. Muitas vezes ouvimos de algum carioca “aparece lá em casa” ou “pode deixar que eu te ligo”, raramente uma das duas coisas acontece.

Além disso, as pessoas falam com muita facilidade sobre as vantagens que já obtiveram tentando burlar a ordem. Um policial chegou ao extremo de me dizer que viver no Rio “é maravilhoso porque se pode fazer qualquer coisa sem dinheiro, porque é muito fácil dar calote”. Segundo ele, basta conhecer as pessoas que podem te oferecer alguma vantagem e tirar proveito disso.

Aliás, é interessante notar como as pessoas do Rio de Janeiro sempre dizem conhecer pessoas famosas. Todo mundo conhece um global ou alguma outra celebridade. Isso me parece um resquício da época em que a cidade foi capital. Conhecer alguém famoso é quase como fazer parte desse panteão de estrelas que, em outros tempos, foi habitado pela nobreza. É quase ser famoso.

- **A MODA E O MUNDO DAS COMPRAS**

O Rio de Janeiro, sempre lança tendências para o resto do Brasil via novelas e outros programas da Rede Globo. Aqui as pessoas gostam de parecer antenadas e, talvez também por causa do calor, adoram passear em shopping centers cheios de ar condicionado (que, só a título de curiosidade, parece ser outra paixão local).

Mas é o “Saara” que vem à mente de muito de cariocas quando se fala em consumo. Inicialmente, essa região do centro da cidade concentrava os comerciantes de origem árabe, que ainda estão fortemente representados no local, com suas lojas de produtos alimentícios, restaurantes, lanchonetes, lojas de tecido etc. Hoje em dia, porém, o “Saara” é o point de compra dos moderninhos e daqueles que buscam uma pechincha. Alí se encontra de tudo. De sapatos a decoração, passando por fantasias de Carnaval e lojas de eletrônicos. Segundo me informaram, as lojas mudam seus produtos conforme a festividade que se aproxima e ficam ainda mais lotadas quando perto de alguma dessas datas.

Outro local interessante é a Feira de São Cristovão, popularmente conhecida como “a feira dos paraíbas”. Alí se come comida nordestina por preços bem baixos, a entrada para a feira, que se situa num grande pavilhão, custa apenas um real e, uma vez lá dentro, pode-se assistir a shows de forró, reggae e repente. Além, é claro, de paquerar à vontade. O lugar, que já foi reduto dos nordestinos que vivem na cidade, é hoje um local de passeio pós-praia, que vara a madrugada.

Ademais, salta aos olhos a enorme economia informal da cidade. Há camelôs por todos os lados. Na praia ocorre a venda de produtos de todos os tipos, mas os mais famosos são o biscoito Globo e o mate com limão, que os cariocas consomem sem parar enquanto na praia. Isso sem falar nas cangas, sanduíches naturais, esfirras, quibes, óculos de sol e tantas outras bugigangas.

Indo ao subúrbio, pude notar que também ali as pessoas se vestem conforme os ditames da moda da Zona Sul. Com a diferença talvez, de que as roupas são ainda mais curtas e provocantes. O carioca gosta de se fazer sensual e, como já dito anteriormente, se sentem muito a vontade com pouca roupa.

- **O FUNK**

A sensualidade carioca se faz notar também quando o assunto é funk. A música importada dos Estados Unidos e transmutada nos morros caiu nas graças da juventude do Rio de Janeiro. Começando pela favela e descendo para o asfalto até alcançar a orla de Copacabana, onde aos domingos, várias pessoas ligam o som de seus carros no máximo volume e promovem mini-bailes a céu aberto, no fim do dia.

O antropólogo Hermano Viana é um dos maiores estudiosos desse fenômeno e foi o primeiro a chamar a atenção da Zona Sul para esse gênero em ebulição, em sua obra *O Mundo Funk Carioca*. De acordo com uma informante, Sarah, “é impossível ouvir funk e não dançar” (e olha que ela faz bem mais o gênero moderninha). A versão carioca do funk é uma prova da imensa habilidade desse povo de recriar e se recriar. Por isso, ainda que advinda do funk americano, que, por sua vez, veio do blues, o funk carioca parece ser um produto genuinamente do Rio de Janeiro. Suas letras e coreografias chulas são repetidas por todos os apreciadores dessa expressão cultural.

Em recente entrevista à revista norte-americana *xlr8tor*, o famoso DJ do funk carioca, Marlboro, afirma que precisou sair do país e fazer sucesso lá fora para então ser convidado a tocar nas áreas mais badaladas da cidade, sair do morro e tocar para as classes mais abastadas e que foi esse processo que levou a uma maior visibilidade do funk. Hoje, meninos e meninas de classe média e alta pagam caro para rebolar ao som desse produto do morro que, muitas vezes, traz letras de protesto, justamente contra essa mesma elite.



É nessa entrevista ainda que me chamou atenção o fato de se afirmar que foi necessário incorporar uma variedade de samplers (aparelho muito usado pelos artistas da música eletrônica destinado a manipular sons e trechos de músicas que são usados como parte integrante de uma composição musical) às batidas nacionais para que o gênero caísse no gosto da elite.

Tal afirmação me chamou atenção porque, a meu ver, elucida ainda mais um ponto forte da cultura carioca (e brasileira) no que diz respeito a reconstruir manifestações estrangeiras: a nossa capacidade de trabalhar como *bricoleurs*, colando pedaços de várias coisas e gerando o que há de mais puramente brasileiro. Aqui me permito afirmar que são esses rappers e *funkeiros* que agem como mediadores culturais, nos termos de Gilberto Velho, e levam sua música para fora do morro. Gerando uma conciliação de classes moderna (não mais da aceitação étnica como afirmava Gilberto Freyre, mas de classes sociais).

Aliás, mesmo os intelectuais que dizem não gostar da música se rendem ante o fato de o funk ser uma curiosa e poderosa manifestação da cultura popular. Outro tema em alta, não só no Rio, como em todo o país.

- **A LAPA**

É justamente essa (re)valorização da cultura popular que devolveu à Lapa o status de principal point da noite carioca. Posto esse que o bairro havia ocupado ainda na primeira metade do século passado.

Durante o dia, o bairro é local de oficinas e pequenos comércios. Região central onde se pode morar por preços baixos, a Lapa é habitada por famílias pobres, artistas, prostitutas. À noite, a região recebe a visita de cariocas de todos os pontos da cidade. Como na praia, na Lapa há espaço para todos os gostos e ali todos se respeitam.

Talvez por isso mesmo, ela represente tudo o que o carioca gostaria de ser: simples e despojado, mas ciente de sua tradição; democrático e acolhedor. Tudo isso sem precisar abrir mão do conforto. As diferenças são todas bem aceitas e há bares e danceterias para todos os gostos.

Na avenida que segue por baixo dos famosos Arcos da Lapa, as casas se abrem em bares ou danceterias dedicados a gêneros musicais bem variados, como o reggae e o forró. À frente deles, dezenas de barraquinhas de batida, cachorro-quente, tapioca etc. Mais à frente, bares mais arrumadinhos, frequentados pelos “playboys” da cidade.

Na rua de trás, bares mais simples acolhem os moradores da região e os mais alternativos. Há hotéis e restaurantes de onde sai o som do samba. Na famosa escadaria, jovens se amontoam para fumar maconha. Eventualmente a polícia passa pelo local, mas não parece intimidar muito as pessoas. Um rapaz comenta que é a nova política deles: tentar ser menos ameaçador.

Pessoas com visual bem diferente circulam por ali. Param, tomam uma cerveja, ficam ou não no bar. Muitas crianças, provavelmente residentes na localidade, passam de um lado para o outro, mesmo depois da meia-noite, dando ao lugar uma estranha aura de ambiente familiar.

Atualmente um dos bares mais famosos da região é o “Beco do Rato”, localizado mais afastado dos Arcos. Lá, as mesmas pessoas que frequentam o Posto 9 de Ipanema se encontram para tomar uma cerveja e sambar. Ficam todos na rua. É interessante notar o contraste dos prédios mal cuidados com a juventude dourada da Zona Sul. Noto ali, a mesma inversão de que já falei. Os jovens saem de suas regiões ricas para se divertir entre os casarões antigos e baratos da Lapa.

Quando me viro para fotografar, muitos deles fazem pose, irreverentemente. Vestidos de maneira despojada, muitos de chinelo ou sandália, conversam quase abafando o som da música que vem de dentro do bar.

Quando começo a conversar com alguns e digo de minha pesquisa, o discurso é bastante politizado. Discute-se a “guerra” entre os traficantes e as milícias. Alguns dizem frequentar as favelas, principalmente aquelas próximas ao Fundão (campus da UFRJ), onde vão tomar cerveja depois da aula ou almoçar eventualmente. Me falam ainda dos bailes funk, acrescentando que é comum ver pessoas armadas nesses ambientes.

- **AMOR AO RIO**

Ainda uma característica comum a todos os cariocas é o amor ao Rio. Todos dizem que sua cidade é a mais maravilhosa do mundo. Exaltar a beleza da natureza que circunda a cidade também é extremamente comum. Entretanto, as pessoas são muito desligadas da manutenção de seu patrimônio.

Como em outros locais do Brasil, a noção de público é, antes de tudo, a noção do que não é de ninguém, quando deveria ser entendida como o que é de todos. Talvez por isso, as ruas da cidade do Rio de Janeiro sejam tão sujas (assim como as areias da praia). É fácil observar pessoas jogando lixo no chão, ver pichações nos prédios e outras formas de degradação do patrimônio. Além do fato marcante de a cidade ser bastante malcheirosa.

- **UM OBJETO**

Tentei fazer uma brincadeira com algumas pessoas e perguntar a elas qual seria um objeto que descreveria bem o Rio de Janeiro. Recebi respostas como bunda e biquini, que me pareceram bastante clichê e ainda como Arcos da Lapa que, a seu modo, também é muito senso comum.

Interessante é que apenas um objeto se repetiu. Por 3 vezes me disseram: “Pandeiro!”.

Achei muito interessante porque o pandeiro resume muito do que vi no Rio. Os cariocas são um povo muito musical. Andam de maneira gingada. Dançam todos os ritmos e criam suas versões de cada um deles. Além disso, é um objeto circular, que vem ao encontro da noção de curvas de que tratei acima e é um objeto popular, que mostra mais uma vez a exaltação da cultura popular que se faz tão presente, bem como a tradição do samba que a todos reúne. É um objeto que resume a irreverência, o respeito à tradição, o gingado e a coletividade tão caros a todos os cariocas.